

PERSPECTIVAS DE EVOLUÇÃO URBANA E RECOMPOSIÇÃO SOCIAL

INTRODUÇÃO

O actual fenómeno de nobilitação urbana deve ser contextualizado nas profundas alterações económicas que têm decorrido nos espaços urbanos dos países ocidentais de capitalismo avançado desde os finais dos anos 60 do século passado.

Estas transformações não podem, porém, ser somente compreendidas e analisadas como resultado dos circuitos especulativos de valorização e ou desvalorização do solo urbano e dos bens imobiliários neles existentes, assim como de políticas de intervenção urbanística-arquitectónica, mas também das alterações que aquela reestruturação económica desencadeou na estrutura profissional e na textura social da cidade, com o declínio da produção e do emprego de indústrias e do rápido crescimento do sector terciário qualificado no seu interior.

Seleccionando o Bairro Alto como caso ilustrativo deste processo de reestruturação urbana na cidade de Lisboa, analisaremos as importantes transformações na sua estrutura demográfica e sociocultural, com a chegada de novos moradores desde o início dos anos 80, do século XX.

A hipótese é a de que a reconfiguração de estratégias residenciais de sectores sociais específicos tem conduzido ao surgimento de novos modelos de apropriação e de vivência do habitat e por conseguinte, ao surgimento de novos produtos imobiliários e novos formatos de alojamento no bairro, assumindo a forma de enclaves residenciais, reforçando a fragmentação do espaço urbano.

Durante as últimas décadas, os núcleos históricos das cidades tenderam a degradar-se como consequência de um modelo de crescimento urbano favorável à expansão para a periferia, em detrimento da revitalização das áreas centrais mais antigas e da coesão do tecido urbano existente, tendo o mercado habitacional concentrado os seus esforços em projectos imobiliários que se desenvolveram preferencialmente ao longo dos grandes eixos rodo-ferroviários, em áreas periféricas, afastadas dos centros, ao passo que estes sofriam um processo de despovoamento e de envelhecimento demográfico.

A recentralização respeita a revalorização de áreas na cidade interior e compreende a reabilitação de sítios antigos, assim como o reaproveitamento de áreas subocupadas, para além dos processos mais permanentes de renovação pontual.

Trata-se de uma recentralização selectiva, alimentada por novas procuras, promotora de uma crescente revalorização e reutilização física e social dos contextos urbanos, indiciando, por conseguinte, novos processos de recomposição da sua textura socio-espacial.

Esta tendência encontra-se, por um lado, associada à recomposição do sistema produtivo, cuja evolução se pauta por uma crescente terciarização e pela emergência de um novo modelo de acumulação capitalista mais flexível que reconhece no reinvestimento no centro histórico, uma mais-valia, de capital imobiliário e na sua circulação.

O Bairro Alto insere-se nestes contextos socio-espaciais, pois, ainda detentor de enraizadas e antigas manifestações e tradições culturais, tem, nos últimos anos, assistido a profundas alterações no seu tecido social com a chegada de novos moradores, portadores de um estilo de vida próprio e com a introdução de novos espaços comerciais direccionados para novos públicos, adeptos de conceitos culturais alternativos.

É neste quadro que surge o conceito de nobilitação urbana, processo pelo qual alguns grupos se têm tornado centrais para a cidade, quando tornaram o centro da cidade num lugar central para si mesmos, não só do ponto de vista de uma localização residencial privilegiada, mas também do uso que dele fazem, especialmente da sua apropriação como marca de centralidade social, pelo poder simbólico que confere e pela distinção social que permite.

Referimo-nos, em concreto, às designadas novas classes médias, população que é protagonista de um movimento de recentralização que redescobre no valor histórico e arquitectónico dos bairros a capacidade de se reinventar social e culturalmente.

Se bem que os bairros antigos da cidade até há pouco tempo fossem entendidos como velhos e desactualizados, pouco práticos, incapazes de garantir condições de vida aceitáveis à luz dos padrões actuais, ao que parece têm vindo a aparecer, pouco a pouco, como as respostas mais adequadas às críticas dirigidas aos conjuntos habitacionais concebidos segundo os modelos propostos pelo urbanismo e arquitectura modernos.

Assim, pretende-se dar conta das transformações ocorridas no Bairro Alto, contemplando, de forma sintética e breve, a reestruturação social que este tem registado, bem como o perfil social dos novos moradores *gentrifiers* em grande parte responsáveis pela renovação das formas de apropriação daquele espaço.

Assim sendo, parece importante enunciar as intenções que presidem a este texto, na formulação de algumas perguntas:

Existirá, de facto, actualmente, um retorno à cidade, em particular aos bairros históricos, sob a forma de um movimento populacional inverso ao anterior de saída para as periferias e esvaziamento do centro?

Tratar-se-á de um movimento migratório, ou antes de um processo de reconfiguração de estratégias residenciais de sectores sociais específicos e de estratégias económicas e políticas de reinvestimento na cidade que respondem a novas exigências impostas pela consolidação da fase avançada do capitalismo?

Quais os aspectos inerentes ao processo de nobilitação do Bairro Alto que se sustentam na apropriação social do espaço pelos novos moradores?

DA NOBILITAÇÃO URBANA, BREVES CONSIDERAÇÕES INICIAIS EM TORNO DO CONCEITO

No mundo anglo-saxónico dos anos 70 e 80 do século XX, começaram a esboçar-se tendências que, aparentemente configuram uma inversão da suburbanização, através da manifestação de sinais contrários. Estudos efectuados começam a indicar, um regresso aos bairros centrais mais antigos por parte de actores sociais que apresentam características distintas da dos actuais residentes.

Na verdade, alguns observadores europeus e norte-americanos têm assinalado que, desde o início da década de 70, um pequeno mas significativo e crescente número de famílias jovens, de médio a alto rendimento, têm vindo a transferir-se para bairros centrais antigos, empreendendo estratégias de reabilitação do seu parque habitacional.

Como se encontra bem documentado, o termo *gentrification*, terá sido empregue pela primeira vez por Ruth Glass, em 1964, para designar a mobilidade residencial de indivíduos das classes médias para as áreas populares da cidade de Londres.

SERÁ A NOBILITAÇÃO URBANA SINÓNIMO DE MOVIMENTO DE RETORNO À CIDADE?

Deste modo, as primeiras aplicações do conceito de nobilitação urbana designaram a inversão do movimento centrífugo, para fora da cidade, por parte das classes abastadas, permitindo situar o processo de nobilitação urbana como um conjunto articulado de dinâmicas que parecem implicar um reinvestimento crescente na cidade por intermédio de reabilitação de áreas antigas devolutas ou ocupadas por sectores sociais de baixos recursos económicos.

À semelhança do que se tem registado na maioria das freguesias da cidade de Lisboa, também Santa Catarina e Encarnação, freguesias com uma ocupação urbana consolidada, experimentam uma dinâmica populacional que aponta no sentido de uma acentuada regressão que não parece querer abrandar (quadros I e II). Com efeito, pelo menos desde os anos 60, têm vindo a perder população, ao mesmo tempo que se assiste a um crescimento explosivo das zonas suburbanas.

E se tivermos em conta que a cidade de Lisboa conseguiu recuperar, de 1970 a 1981, uma parte da quebra demográfica da década anterior, a regressão evidenciada por Santa Catarina, superior a 7%, surge ainda mais acentuada.

Neste contexto, não se estranhará o profundo envelhecimento do bairro, caracterizado pela importância dos habitantes com 65 ou mais anos, com um peso superior a 28%, valor superior à média de Lisboa (quadro III), já de si elevada quando comparada com outras cidades do país.

No que respeita à idade, os gentrifiers parecem ser maioritariamente jovens e adultos com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos.

Contudo, no Bairro Alto, estas parecem estender-se até aos 40 anos, podendo ser explicado, por um lado, pelo facto de em Portugal o percurso universitário acabar mais tarde devido às dificuldades que os recém-licenciados, encontram de inserção na vida profissional e, por outro, em virtude da dificuldade em suportar os valores praticados no mercado imobiliário aquando da sua afirmação social, profissional e familiar.

Quadro I – Evolução da população residente, entre 1960 e 2001 (Fonte, INE, Recenseamento)

	1960	1970	1981	1991	2001
Freguesia de Santa Catarina	11.715	8.600	7.969	5.153	3.979
Freguesia da Encarnação	9.558	6.200	6.628	3.072	3.050
Concelho de Lisboa	802.230	760.150	807.937	663.394	564.657

Quadro II – Variação da população residente (%), entre 1960 e 2001 (Fonte INE, recenseamento)

	1960/70	1970/81	1981/91	1991/2001
Freguesia de Santa Catarina	-26,6	-7,3	-35,3	-22,8
Freguesia da Encarnação	-35,1	6,9	-53,7	-0,7
Concelho de Lisboa	-5,2	6,3	-17,9	-14,9

Uma análise à população residente no bairro há menos de dez anos (quadro III), com base nas conclusões do inquérito socio-habitacional levado a cabo pelo Gabinete Técnico Local do Bairro Alto e da Bica em 1992/93, permite comprovar esta tendência, dado que 50% dos novos moradores do bairro têm idades compreendidas entre os 25 e os 39 anos. Assim sendo, trata-se de uma população maioritariamente jovem que provavelmente estará no início da vida activa.

Se compararmos estes valores com os relativos a Lisboa ou ao próprio bairro, verifica-se que a população residente que se insere nesta faixa etária não chega aos 20%.

Portanto, se bem que se trate de um processo lento e ainda em desenvolvimento embrionário, não existem dúvidas de que as linhas de força da actual nobilitação urbana do bairro representam um rejuvenescimento populacional, bem como uma redução do respectivo índice de envelhecimento, ainda que apenas em sectores restritos.

As sucessivas diminuições de população residente registadas no Bairro na segunda metade do século XX, apesar de acompanharem as que se experimentaram por todo o conjunto da cidade de Lisboa são, de longe, muito mais intensas, pondo definitivamente de lado qualquer hipótese da nobilitação urbana se confundir com uma migração maciça em direcção ao bairro, com origem nas áreas periféricas da cidade.

A verdade é que uma simples análise da variação populacional também não se afigura suficiente de forma a interpretar a especificidade do movimento de fixação de novos moradores, designadamente, no que toca à sua origem geográfica. Esta constitui um dos elementos melhor caracterizadores da definição dos protagonistas da nobilitação.

Quadro III – População residente (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo os grupos etários, em 1981 e 2001 (Fonte, INE)

Grupo etário	Lisboa		Bairro Alto		(Novos moradores)
	1981	2001	1981	2001	
Menos de 20	26,3	16,9	22,2	11,7	3,0
20-24	7,6	7,4	7,8	7,7	8,5
25-29	6,7	7,3	7,0	8,2	14,3
30-34	6,4	6,1	5,5	6,0	20,2
35-39	6,1	6,1	5,3	5,9	15,4
40-44	6,3	6,1	5,6	6,3	12,5
45-49	7,1	6,4	6,6	6,2	7,1
50-54	7,2	6,8	7,0	6,6	4,5
55-59	6,8	6,5	7,1	6,1	3,5
60-64	5,3	6,7	6,2	6,7	3,2
65-69	5,0	7,0	6,4	7,6	2,4
70-74	4,1	6,3	5,8	7,1	2,0
Mais de 75	5,2	10,3	7,5	13,9	3,4
Índice de envelhecimento	75	203	117	371	38,5

Deste modo, nos últimos vinte anos de estudos urbanos dedicados à interpretação da nobilitação urbana, tem vindo a ganhar consenso a ideia de que ao contrário do que se pensava, os gentrifiers são, na sua maioria, urbanitas, havendo apenas uma minoria de indivíduos provenientes das áreas periféricas, pois já habitavam na cidade de Lisboa.

Da análise do quadro IV, é possível inferir que a maior parte dos habitantes que moram no bairro há menos de dez anos são oriundos da cidade de Lisboa (32,7%) ou do resto do país (41%). Apenas uns residuais 3% dos novos moradores têm origem na periferia da cidade.

Quadro IV – População residente (%) no Bairro Alto, há menos de 10 anos, segundo a origem geográfica (por representante do agregado), em 1992/93. (Fonte Inquérito sócio-habitacional 1992/93 – Gabinete Técnico Local do Bairro Alto)

Origem geográfica	%
Bairro	3,9
Cidade de Lisboa	32,7
Periferia de Lisboa	3,3
Área Metropolitana do Porto	2,3
Litoral	20,1
Interior	20,6
PALOP	9,7
Outros países estrangeiros	7,4

Demonstra-se, deste modo, que o designado retorno à cidade, enquanto movimento migratório de grande amplitude no sentido periferia-centro, não se confirma no caso específico do Bairro Alto.

Aliás, como referimos no ponto introdutório, a nobilitação urbana remete para uma recentralização selectiva, pelo que, à partida, estaria posta de parte qualquer hipótese de se tratar de um movimento populacional de alcance considerável, capaz de inverter a sangria demográfica, experimentada nos últimos quarenta anos pelas freguesias do bairro.

REESTRUTURAÇÃO ECONÓMICA NO ESPAÇO URBANO, CULTURA DE CONSUMO, ESTETIZAÇÃO DA VIDA SOCIAL E REINVESTIMENTO NO CENTRO HISTÓRICO

Ao longo do último quarto de século têm surgido reflexões pertinentes de que as cidades do mundo ocidental ingressaram numa nova era da sua história.

É já seguramente consensual que se assiste, nas últimas décadas, à formação de um novo tipo de cidade que, por comodidade e na falta de melhor expressão, se designa de pós-moderna, ou pós-industrial. E se é certo que a emergência da cidade pós-moderna do capitalismo tardio não anula, por substituição automática, a cidade moderna do capitalismo industrial, a verdade é que as manifestações da transição não deixam margem para grandes dúvidas no esboço de uma nova forma de organização do espaço urbano.

A transição da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna é caracterizada, entre muitos outros aspectos, por importantes alterações nos domínios demográfico e sociocultural – alterações na estrutura e composição da família, nomeadamente no crescimento do número de isolados,

aumento das uniões de facto e de casais sem filhos, crescente participação da mulher na esfera produtiva, acesso ao ensino, democratização da educação, entre outros. Todos estes factores vêm igualmente contribuir para a profunda alteração da estrutura social e dos padrões, condutas e estilos de vida a estes associados, nomeadamente, ao nível dos padrões de escolha, de referência ao habitat.

As primeiras teorias, para justificar o fenómeno da nobilitação urbana, procuraram enfatizar a importância do capital e dos diversos agentes institucionais, nomeadamente o Estado, o Poder Local, Bancos e outras instituições financeiras, no processo de reestruturação do espaço urbano, enquanto as segundas, privilegiaram a esfera do consumo relativamente à da produção, no mercado da habitação e do solo urbano.

Por seu turno, as teorias que privilegiam o consumo, entendem a nobilitação urbana como consequência directa das mudanças verificadas na estrutura demográfica e social da população e no estilo de vida de certos sectores da classe média, nos valores e padrões de consumo a ele associados.

À luz deste princípio, Neil Smith (1979 a 1987) procura explicar a reestruturação do espaço urbano como um processo intimamente ligado à própria reestruturação da economia capitalista, mais precisamente, aos ciclos macroeconómicos de evolução irregular que marcam o desenvolvimento das sociedades de capitalismo avançado.

Percebe-se que a partir do pós-guerra, o investimento passou a dirigir-se preferencialmente para o sector da construção, em detrimento do sector tradicional da produção industrial, gerando importantes recomposições na expansão e organização espacial da forma urbana.

O movimento de saída da capital para a periferia provoca uma alteração inversamente proporcional dos níveis de renda do solo dos próprios subúrbios e dos bairros centrais, enquanto o valor do solo nos subúrbios aumenta significativamente com o crescimento de novas construções e infra-estruturas e com a consequente introdução nesses espaços de uma multiplicidade de actividades, o valor fundiário dos bairros centrais, ao invés, sofre uma progressiva diminuição, sendo cada vez menor a quantidade de capital canalizado e investido na manutenção, reparação e recuperação do parque habitacional destas áreas no interior das cidades.

Recentemente, a procura de localizações para investimento em áreas metropolitanas e face a áreas suburbanas já saturadas e mais dispendiosas, propiciou a canalização do capital público e privado para as áreas interiores subvalorizadas, atendendo à sua localização central, empreendendo-se acções, desde a reabilitação à simples especulação imobiliária, visando a obtenção de lucros através do encurtamento da diferença entre a renda capitalizada real e a potencial.

Associado a esse movimento de desvalorização/valorização dos bairros centrais encontra-se, também, segundo o autor que vimos seguindo, o fenómeno do declínio/desenvolvimento de certos sectores económicos e a mudanças que sofrem quanto à sua implantação espacial.

A este nível é de realçar que, se por um lado, as novas actividades industriais criadas no período pós-guerra já não foram localizadas nos bairros pericentrais, espaço reservado à indústria, por outro, as que já se haviam estabelecido anteriormente tendem a encerrar, por falência ou desinvestimento, ou a serem deslocadas para a periferia, criando-se a oportunidade para que muitas destas áreas industriais fossem reconvertidas em espaços comerciais e de serviços, ou até mesmo, sobretudo nos EUA, em confortáveis estruturas habitacionais.

Portanto, segundo Neil Smith (1996), a influência deste duplo processo de desindustrialização e terciarização, em complemento do fenómeno de rent gap, é suficiente para explicar a profunda reestruturação que ocorre actualmente nos centros históricos.

O autor explica também que, em consequência da reconfiguração das actividades económicas da cidade, foram várias as mudanças na estrutura profissional e na apropriação dos grupos sociais do espaço urbano que exerceram uma importância decisiva no surgimento do processo de nobilitação urbana.

Uma outra tendência, igualmente relevante para o nosso problema, relaciona-se com a centralização espacial das funções de comando e de decisão, processo que tem sido paralelamente acompanhado pela descentralização do capital e das funções produtivas.

Importa salientar, no âmbito do processo de nobilitação urbana no Bairro Alto, as novas oportunidades de emprego qualificado, especialmente dirigido a alguns sectores da classe média, criadas no perímetro interior das cidades.

Numa tentativa de definição dos sectores da classe média envolvidos no processo, impõe-se a caracterização dos novos moradores do Bairro Alto, designadamente dos que aí residem há dez ou menos anos. O objectivo passa então por definir o perfil social dos gentrifiers, os actores do fenómeno em estudo, pelo que este irá ser construído tendo por base os dados relativos à profissão, idade, nível de instrução, estado civil e origem geográfica.

Como já foi referido anteriormente, o processo de gentrification contextualiza-se no seio de uma ampla recomposição sociodemográfica, traduzindo-se na constituição de uma suposta *nova classe média* que se diferencia da classe média tradicional (Ley, 1994/96; Butler, 1997).

Os seus membros ocupam lugares em profissões tradicionais que tendem a crescer e em novas profissões ao nível de actividades ligadas ao que Bourdieu (1989) apelidou de *produção simbólica*.

São os intermediários culturais, ligados às indústrias culturais, às artes, à publicidade, ao design, à moda, à cultura, imagem e marketing, arquitectura e decoração, entre outras.

Indissociável da cultura de consumo e da emergência e crescimento de actividades de produção simbólica encontra-se também a afirmação de uma tendência de estetização da vida social, podendo ser entendida em vários sentidos.

Em primeiro lugar, o do apagamento ou transgressão dos limites entre a arte e a vida social.

É a ideia de que tudo pode ser arte e de que a arte pode estar embutida em todo e qualquer objecto, manifestação, comportamento, incluindo na trivialidade da vida quotidiana.

Em segundo lugar, a estetização da vida social pode ser entendida como o projecto de tornar a vida uma obra de arte – salientem-se as figuras do dandy, do flâneur, personificações do estilo de vida boémio e que privilegia as sensações e as experiências de vida na produção do entendimento da realidade social. Algo que está geralmente associado ao perfil social do gentrifier.

Por último, a estetização da vida social pode referir-se ainda ao rápido fluxo de signos e imagens que saturam a textura da vida quotidiana.

No caso do Bairro Alto, é visível, já que aproximadamente 30% da nova população residente no bairro pertence ao grupo de profissões científicas, técnicas, artísticas e similares.

Esta percentagem poderá parecer não muito elevada devido à concorrência de outras áreas residenciais da cidade que nos últimos anos têm recebido um importante fluxo populacional onde predominam indivíduos pertencentes a estes grupos socioprofissionais.

Contudo, caso se considere os grupos de directores e quadros superiores administrativos e restante pessoal administrativo e trabalhadores similares e se a este juntarmos os 15% que este último grupo representa, perfazem-se cerca de 45%.

Os trabalhadores menos qualificados da indústria, comércio e serviços assumem uma representação também expressiva, o que parece, à primeira vista, pôr em causa o processo de filtragem social associado à nobilitação (quadro V).

Vem despoletar um processo de recomposição social importante em bairros antigos das cidades, indiciando um processo que opera no mercado de habitação, de forma mais vincada e concreta nas habitações em estado de degradação dos bairros tradicionalmente populares.

Correspondendo à recomposição e substituição social desses espaços e à sua transformação em bairros de classes média, média-alta, não se pode deixar de referir, por conhecimento deste processo de substituição social, o reforço da segregação socio-espacial na sua sequência, aprofundando a divisão social do espaço urbano.

Quadro V – População residente (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo o grupo profissional (por representante do agregado), em 2001 (Fonte INE-Recenseamento 2001, “Inquérito sócio-habitacional”)

Grupos profissionais	Lisboa	Bairro Alto	Novos Moradores
Pessoal de profissões científicas, técnicas, artísticas e similares; Directores e quadros superiores administrativos			
Pessoal administrativo e técnicos intermédios	27,3	27,4	11,8
Pessoal dos serviços de protecção e segurança, dos serviços e domésticos e trabalhadores similares, incluindo comércio	13,8	20,7	39,0
Trabalhadores da agricultura e pesca;			
Forças Armadas	0,9	0,6	0,4
Trabalhadores das indústrias extractivas e transformadora e conduto- Res de máquinas fixas e de transporte.	12,2	12,1	15,9

Retomando a análise do quadro V, a verdade é que a apropriação pontual do espaço, característica da nobilitação urbana, introduz mudanças na escala da segregação socio-residencial produzida.

Na verdade, quando se considera o perfil do gentrifier, o grau de escolaridade é na maioria dos casos bastante alto, associado a graus académicos, cursos superiores ou médios.

A apreciação dos dados estatísticos relativos aos novos moradores do Bairro Alto (quadro VI), permite confirmar a presença de capitais escolares muito superiores aos dados globais relativos ao conjunto da cidade de Lisboa, pelo menos mediante as informações disponíveis para o início da década de 90.

Enquanto novos habitantes do bairro é possível distinguir 24,3% de indivíduos com diplomas universitários ou que frequentam cursos médios, a totalidade da cidade de Lisboa apresenta um valor claramente inferior, a rondar os 10%. Este valor baixa ainda mais se considerarmos a unidade territorial *bairro*.

Não deixa de ser importante registar que mais de 27% dos novos moradores apenas possui o 1.º ciclo do ensino básico completo como habilitação académica, valor que, mesmo inferior face ao da cidade e ao do Bairro, é expressivo no universo apreciado.

No que respeita ao estado civil, ainda que os valores mais recentes de 2001 não divirjam muito entre si, à excepção do número de divorciados e de separados que é ligeiramente superior nos novos moradores do bairro em comparação com os da cidade, é de sublinhar a elevada percentagem de

indivíduos solteiros (37,8%) no quadro do efectivo de novos moradores que entretanto se fixaram no Bairro Alto ao longo da década de 80 e início dos anos 90 (quadro VII).

Quadro VI – População residente (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo o nível de instrução (por representante do agregado), em 1991 e 2001 (Fonte INE – Inquérito sócio-habitacional)

Nível de Instrução	Lisboa		Bairro Alto		Novos moradores
	1991	2001	1991	2001	
Sem primário	9,6	10,3	7,3	6,4	7,9
Primário	37,5	27,6	47,9	34,7	27,8
Preparatório	9,1	17,8	9,5	17,4	15,2
Secundário	27,1	17,6	25,9	21,4	24,8
Médio / Superior	16,8	26,7	9,4	20,0	24,3

Quadro VII – População residente activa (%) no Bairro Alto e em Lisboa, segundo o estado civil, em 1981, 1991 e 2001 (Fonte INE – Inquérito sócio-habitacional)

Nível de Instrução	Lisboa		Bairro Alto		Novos moradores
	1991	2001	1991	2001	
Solteiro	27,8	37,8	36,1	38,5	37,8
Casado	62,5	47,6	47,5	50,7	49,2
Víuvo	2,6	9,2	12,2	2,9	4,3
Divorciado/Separado	7,2	5,3	4,2	8,0	8,7

REFLEXÕES FINAIS

O CONTRIBUTO DA NOBILITAÇÃO URBANA PARA A FRAGMENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

A nobilitação urbana no bairro reflecte, enquanto processo socio-espacial, uma dinâmica social que se materializa no espaço de forma pontual, o que se prende seguramente com a crescente fragmentação e diversidade da estrutura social, mas não menos com o jogo de mercado imobiliário pouco regulado e com processos especulativos de valorização/desvalorização de uso do solo.

Concretiza-se sob a forma de enclaves socialmente dissonantes no seio do tecido social do bairro, que parece ainda reservar uma relativa homogeneidade social.

As acções pontuais da nobilitação do bairro subsidiam uma produção de cidade mais fragmentada e são exemplos acabados de que os espaços de acção dos gentrifiers não mais se definem pela continuidade territorial e pelas relações de proximidade.

BIBLIOGRAFIA:

Mendes, Luis. Investigador do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (pesquisa de Luis Mendes, in *Perspectiva de Evolução Urbana e Recomposição Social, Nobilitação Urbana no Bairro Alto, Análise de um processo de Recomposição Socio-espacial*).

Barata Salgueiro T (1994) Novos produtos imobiliários e reestruturação urbana. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, XXIX: 79-101.

Barata Salgueiro T (1996) Do comércio à distribuição. *Roteiro de uma mudança*. Celta Editora, Oeiras.

Barata Salgueiro T (1997) Lisboa: metrópole policêntrica e fragmentada. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, XXXII: 179-190.

Barata Salgueiro T (1998) Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. *Inforgeo*, 12/13: 225-235. Barata Salgueiro T (1999) Ainda em torno da fragmentação do espaço urbano. *Inforgeo*, 14: 65-76. Barata Salgueiro T (2001) Lisboa, periferia e centralidades. Celta Editora, Oeiras.

Barata Salgueiro T, Cachinho H (2002) Comércio, consumo e (re) produção do espaço urbano.

Bourdin A (1979) Restauration réhabilitation: l'ordre symbolique de l'espace néo-bourgeois. *Espaces et Sociétés*, 30/31: 15-35.

Bourdin A (1980) Réhabilitation des vieux quartiers et nouveaux modes de vie. *Recherches Sociologiques*, 11: 259-275.

Bourne L S (1993) The myth and reality of gentrification: a commentary on emerging urban forms. *Urban Studies*, 30: 183-189.

Gabinete de Estudos e Prospectiva Económica do Ministério da Economia, Lisboa.

Casanova J (2004) Naturezas sociais. Diversidade e orientações sociais na sociedade portuguesa. Celta Editora, Oeiras.

Matias Ferreira V, Calado M (1992a) Freguesia da Encarnação (Bairro Alto). Contexto Editora, Lisboa.

Matias Ferreira V, Calado M (1992b) Freguesia de Santa Catarina (Bairro Alto). Contexto Editora, Lisboa.

Rodrigues W (1990a) Gentrification e emergência de novos estilos de vida na cidade. Colóquio Viver n(a) Cidade. Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Centro de Estudos Territoriais. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Rodrigues W (1990b) Sociabilidade: do bairro à telemática. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Rodrigues W (1992a) Urbanidade e novos estilos de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 12: 91-107.

Rodrigues W (1992b) Retorno à cidade e emergência de novos estilos de vida. O fenómeno gentrification como exemplificação. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Rodrigues W (1999) Globalização e gentrificação. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 29: 95-125. Sassen S (1994) *Cities in a world economy*. Sage, London.

Zilhão A, Duarte M I (1984) Bairro Alto: contribuição para o estudo de uma comunidade em transformação. *Sociedade e Território*, 2: 14-28.